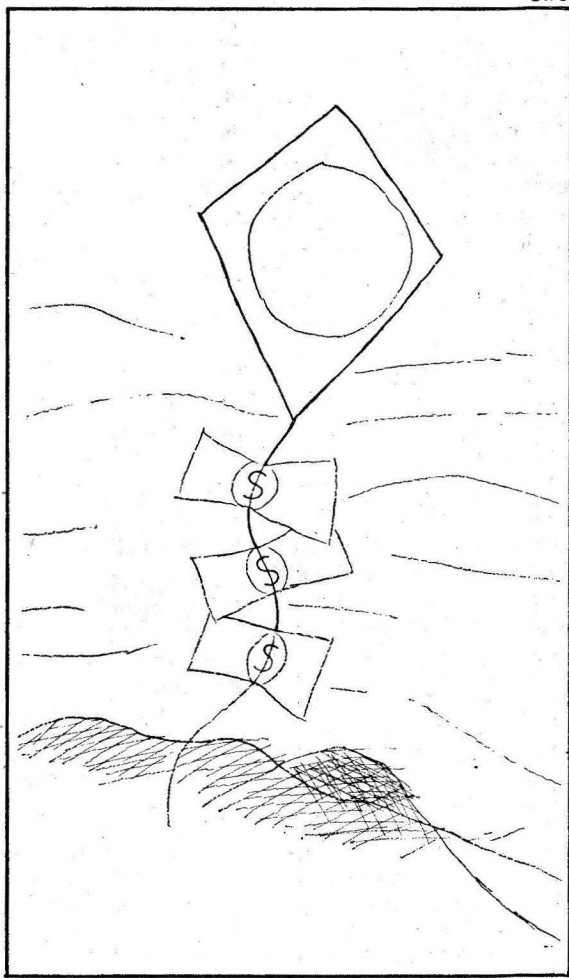


# Endividemo-nos, endividemo-nos...

O jogador dificilmente larga seu vício. Tenta várias vezes curar-se mas, na primeira oportunidade, vem a recaída. O procedimento dos atuais dirigentes econômicos do País lembra este comportamento. Acabamos de sair, temporariamente, com grande esforço de toda a nação, de graves dificuldades causadas pelo nosso excessivo endividamento externo. Conseguimos a duras penas equilibrar nosso balanço de pagamentos de 1983. Para lá chegar, a dívida subiu a quase 100 bilhões de dólares. Isto deveria servir de lição para que parássemos de pedir dinheiro emprestado, tratássemos de arrumar a casa com nossos próprios recursos e procurássemos resolver o problema da dívida com as receitas de exportação.

Ciro



Mas, nem bem tomamos fôlego e lá veio a recaída. O incorrigível tomador de empréstimos (faz isto há 12 anos), Sr Delfim Neto, anuncia, triunfante, que conseguimos mais 1 bilhão de dólares de empréstimos dos japoneses. E o faz com um ar despreocupado, como se não tivéssemos de pagá-los jamais... Não é de hoje que o senhor Delfim Neto defende esta política dos empréstimos externos. Vejamos o que ele disse em 1981, em artigo publicado na revista "A Defesa Nacional", sobre a dívida externa: "O que é importante é que esta dívida é grande, mas ela é muito bem administrada e não tem causado nenhum problema". E, falando de poupança externa: "Mas, é absolutamente correto utilizar a poupança externa para realizar o desenvolvimento interno, desde que se invista adequadamente e desde que se tenha confiança de que a expansão das exporta-

ções vai gerar recursos necessários para pagamento da dívida".

Falando ainda então sobre a posição da Argentina: "A Argentina está numa posição favorável". E sobre o México e a Venezuela: "Eles estão realmente fazendo a política mais inteligente possível: exportando muito e tomando muito emprestado". Todos os leitores sabem o que aconteceu à Argentina, ao México e à Venezuela: simplesmente quebraram.

Em contraposição a esta idéia fixa do senhor Delfim Neto, um conhecido economista americano, Norman Gall, da conceituada revista **Forbes**, declara: "Os empréstimos externos enfraquecem o crédito e a economia de qualquer país". E outra não era certamente a opinião do ilustre estadista brasileiro Oswaldo Aranha, quando, em 16 de fevereiro de 1934, como Ministro da Fazenda, depunha na Assembléia Constituinte, discordando da política de pedir emprestado para pagar empréstimos: "Praticamente o Brasil só fez reformar os seus empréstimos como um devedor que substitui uma promissória vencida por outra com mais prazo, incluindo no capital os juros vencidos e os juros a pagar". Hoje, 50 anos depois, não é isto o que se está fazendo?

O uso da poupança externa em forma de empréstimos, para acelerar o desenvolvimento, é uma falácia. Um país só pode crescer trabalhando com afinco e usando sua própria poupança. Se isto não der para fazer tudo que quer, faça as coisas por partes.

Os capitais estrangeiros, como o caso presente que tratamos, do Japão, só deveriam aqui aportar como investimentos, como capital de risco, associados ou não a capitais nacionais. Cabe aos dirigentes governamentais tornar atrativa a entrada destes capitais, abandonando a atitude xenófoba que caracteriza a maioria dos nossos tecnocratas civis e militares.

O endividamento externo tem repercussões profundas até na soberania nacional. Um país que deve acima de sua capacidade de pagar, perde a independência de atitudes no foro das discussões internacionais. Por isso mesmo, acho que qualquer empréstimo externo deveria depender de autorização expressa do Congresso Nacional, como, aliás, já pregava Oswaldo Aranha, no referido discurso de 1934.

Quanto ao Sr Delfim Neto, julgo que é um caso perdido e, já que o senhor Presidente da República não se dispõe a substituí-lo, o que o torna principal responsável pelo que está acontecendo na política econômica, só resta aguardar a mudança do Governo. Sem esperanças de melhoria, deixo, entretanto, à meditação do Sr Delfim Neto e do Senhor Presidente João Figueiredo, estas palavras de Joaquim Murtinho, notável Ministro da Fazenda de Campos Salles, em seu relatório anual (1901): "É triste, Senhor Presidente, reconhecer que entre nós há homens públicos que pensam ainda que o Governo tenha outra fonte de recursos a não ser a do imposto, ignorando que um empréstimo é simplesmente um adiantamento de impostos — que têm de ser cobrados para pagamento de juros e amortizações".

Não é com mais este imposto, que o Senhor João Figueiredo criou no Japão, que levaremos nosso País a uma solução correta do problema da dívida externa. E a nação não pode continuar a pagar por isto.

**J. C. DE MACEDO SOARES GUIMARÃES**

Jornalista e engenheiro